MANUEL J. CARDOS

TL1329-49

V JORNADA DE TIMOR DA UP

COMUNICAÇÃO

TEMA ESCOLHIDO: Timor-Leste e a política internacional actual.

Ao escolher este tema para fazer esta minha comunicação, vou fazê-la resumidamente segundo as minhas fracas possibilidades e limitados conhecimentos quanto a matéria ou matérias muito importantes que este mesmo tema encerra. Tentando descobrir pontos comuns e coordená-los segundo o meu pensamento em relação a puder encontrar uma linha mestra de orientação política para este magno problema, não me é muito fácil, mas, existe uma questão de fundo para onde convergem todas as ideiás ou projectos.

INDEPENDÊNCIA PARA TIMOR-LESTE

Como realizá-la ultrapassando a situação crítica em que se encontra este mesmo problema e que vem arrastando ao longo dos 18 anos até hoje tanto no plano interno como no palco internacional?

Cabe a cada timorense e a cada amigo de Timor dar o seu melhor, contribuindo para isso com projectos bem reflectidos, claros e práticos que merecem o consenso e aprovação de uma população no seu todo, mártir e dizimada por uma guerra de feição neo-colonial imposta por uma das maiores potências do Sudoeste Asiático, militarista e ditador - INDODÉSIA.

Haverá ainda possibilidade de conceber e arquitectar um projecto para convencer o inimigo a reconhecer o direito e a liberdade de expressão ao povo timorense, retirando assim do território?

Fica a resposta para os continuadores de uma obra ainda não acabada e já regada com suor e sangue de muitos heróis inocentes despretenciosos que apenas lutam para salvar o solo pátrio, a sua dignidade de homem livre deste Planeta, a honra de uma velha mãe, mulher, irmã ou filha, seus entes mais queridos e bemamados.

Há quase meio século que não andamos só no mundo. Estávamos no nosso vagão do comboio luso. Mais ainda, o nosso vagão não tinha só o selo português. A partir dos anos 60, o seu livrete foi carimbado com o carimbo da ONU. Continha um texto especial. TERRITÓRIO NÃO AUTÓNOMO SOB ADMINISTRACÇÃO PORTUGUESA. Deixamos de ser apenas gente lusa para passarmos a ser cidadão do mundo com direito à vida e existência própria.

A vida acidentada natural do homem reflecte-se bem na prática diária de destruindo-construindo, porque nunca está satisfeito com o que está feito, muitas vezes por querer ser ele o único autor do seu tempo, arrisca-se

a modificar o curso da história, abrindo aqui uma nova página com a mesma palavra, velha como o Mundo - REVOLUÇÃO, REVOLUCIONAR, REVOLUCIONANDO, sacrificando-se para bem de alguns e mal de outros procurando alcançar assim o máximo dos máximos que é o melhor dos melhores, talvez nunca alcançado.

Um dia o combóio luso já muito velho, desgastado pelo tempo, sem qualidade, necessitava de reparação. Não foi reparado a tempo, pelo que teve que sofrer um duro golpe. Alguns vagões que estavam a ele atrelados descarrilaram-se e ficaram para trás, lançados à sorte e sem motorista. Chegou a hora da confusão. O pequeno e último vagão que era Timor também tomou nova dimensão com a revolução, quando os revolucionários o compararam revolucionariamente com um GRANDE TRANSATLÂNTICO IMÓVEL, luxo para sustentar por uma economia em decadência, justificação de abandono.

Quem subtituiria o maquinista para por de novo este vagão a funcionar?

Todos queriam ser maquinistas mas ninguém tinha carta de condução. Nenhum dos passageiros aprendeu a lição de conduzir. Nem mesmo entre eles houvesse alguém que tivesse passado por simples ajudante de maquinista. Para conduzir é preciso aprender e para conduzir bem é preciso aprender muito.

Será isto apenas uma lenda? Um acidente de percurso? Uma viragem histórica?

Há resposta para todas elas. Para quem recorda para logo esquecer, pode ser uma lenda. Para quem recorda para transformar, é um acidente de percurso. Para quem recorda trabalhando para se livrar do jugo do inimigo, alcançando uma vida livre, é uma viragem histórica.

TIMOR-LESTE E A POLÍTICA INTERNACIONAL ACTUAL.

Timor sempre existiu, mesmo como estado autoctone ou primitivo antes da colonização europeia. Timor existe no mundo civilizado há 500 anos para cá. A sua existência era já reconhecida por algumas nações europeias, nomeadamente Inglaterra e Holanda quando se demarcaram difinitivamente as fronteiras coloniais. Na segunda guerra utilizado pelos aliados como posto avançado de defesa contra o avanço japonês em direcção ao Pacífico Sul e possível passagem para as Américas.

Nos anos 60, Timor foi inscrito na ONU por governo português de então como TERRITÓRIO NÃO AUTÓNOMO SOB ADMINISTRACÇÃO PORTUGUESA. Teria sido já uma previsão do governo português de então quanto a um possível desfecho desastroso para Timor em relação ao processo de descolonização levada a efeito pós 25 de Abril de 1.974, interrompido e não acabado para este território?

Com a descolonização forçada das primeiras colónias europeias de além-mar; inglesas, belgas, holandesas, francesas, etc., gerou-se em torno

do grande império português um certo ciúme maquiavélico que ameaçava por todos os meios aniquilá-lo. Havia razão para que Portugal sendo um dos mais pequenos países da Europa ostentar um império tão grande?

Esta pergunta atingiu escala internacional quando surgiram por todos os pontos do Mundo movimentos independentistas anticolonialistas. Mais questionado ainda veio a tornar-se o problema império colonial português quando começaram a aparecer nos tempos actuais os ditos BLOCOS, protagonizados por potências nascidas pós 1ª e 2ª grandes guerras, bem como a transformação em estados federados das eis colonias britânicas constituindo a FEDERAÇÃO INGLESA.

Como aniquilar o império português?

Preparado no estrangeiro e muitas vezes nos países limítrofes a ideia de revolução anticolonial como base de libertação do povo colonizado, aproveitando explorar certas classes sociais tidas como marginalizadas ou perseguidas por não concordarem com a política dos seus governantes, subsidiando-as clandestinamente com o fim de provocarem rotura e destabilização internas atingindo especialmente a vigilância do estado, confundindo-a, mais fácil se torna o transporte para além fronteiras essa mesma ideia. Assim foi, quando nos anos 60 esta ideia revolucionária atravassou as frontieras ultramarinas, implantando-a primeiro numa parte destas sociedades mal preparadas e menos esclarecidas, fraqueza humana fácil de explorar, para daí atingir outras classes sociais. Conseguido o objectivo no próprio terreno mais fácil se torna a concretização do projecto. Começa sempre com a guerra política baseado no argumento comum de todas as revoluções que é o descontentamento do povo. Quando a guerra política só por si não encontra solução, recorre-se sempre a luta armada. Aqui, o homem que é o ser superior de toda a criação deixou de o ser. Perdeu toda a sua dignidade humana para optar por medidas de aniquilação da sua própria existência. Nem sempre foi fácil e aceite por todas as classes sociais colonizadas estes movimentos revolucionários independentistas. O interesse pessoal joga-se com o interesse de terceiros, estes mais perigosos. Logo à primeira, procuram lançar confusão e quando não conseguirem atingir os seus objectivos semeiam a guerra, dividindo irmãos do mesmo povo, armando-os de tudo o que é necessário para o seu próprio aniquilamento. Hoje, isto acontece em todos os lados e Timor não pode fugir a esta situação real.

Timorenses não estavam preparados politicamente para enfrentarem a situação criada após 25 de Abril. Não tiveram tempo ou melhor, não se lhes deu tempo suficiente após 25 de Abril para se prepararem democraticamente e enfrentarem sòzinho o seu futuro. O tempo foi mais rápido para os timorenses e encerrou o seu ciclo desastroso sobre Timor. Uma prova evidente de que o timorense não estava preparado politicamente é a existência de muitas pessoas munidas de 3 ou mais cartões dos partidos politicos existentes na altura. As pessoas sentiam-se inseguras de se deslocarem de um lado para outro. Havia regiões já demarcadas politicamente. Não havia o respeito pela diferença e pela minoria.

7 de Dezembro de 1.975 foi a invasão indonésia. A partir daí o problema Timor conheceu nova dimensão internacional. A própria Indonésia sem capacidade de intervanção política para convencer os timorenses a aceitarem os seus objectivos, foi quem mais ajudou a internacionalizar esta questão. Ainda bem que há MALES QUE VALEM POR BEM. Sucessivamente este problema foi debatido na ONU e tantas vezes posto à votação em que a Indonésia saía sempre derrotada por maioria de votos a favor dos timorenses.

A partir do anos 80 chegaram a Portugal e ao Secretário das Nações Unidas cartas que marcam a posição intransingente defendida pela resistência armada e igreja católica local. Referendo para Timor-Leste com vista à independência, se possível, depois de proclamada a sua autodeterminação. Não devo esquecer de salientar aqui e com muito respeito o papel que os países de língua oficial portuguesa PALOP tem desempenhado logo desde os primeiros dias até hoje. Foi a partir dos anos 80 que o governo português se mostrou mais activo trabalhando nesta questão. A presidência, o governo a assembleia da república o ministério de negócios estrangeiros tem levado consigo este problema para onde vão e tem falado dele todas as vezes quando as situações os permitirem. Com o novo papel desempenhado por Potugal já muitos países da Europa reconhecem que de facto existe um problema importante em Timor-Leste que é a violação dos direitos humanos pela Indonésia. Esta afirmação saiu muito reforçada com o filme de massacre de 12 de Novembro de 1.991 no cemitério de Santa Cruz em Dili-Timor. O filme que deu que falar o mundo civilizado, o filme que mudou muitas mentalidades o filme que ajudou a mudar muitas posições.

O nove secretário geral da ONU com novo programa e voltando a esta questão ajuda Portugal e Indonésia a sentarem-se à mesa das negociações.

O corte de ajudas económicas da Holanda para a Indonésia.

O veto de Portugal junto da CEE para auxílio Norte-Sul.

A nova tomada de posição do novo governo americano que assina pela primeira vez em Genebra o texto de condenação de violação dos direitos humanos em Timor-Leste pela Indonésia, gesto que foi também imitado pela Austrália.

As actividades não governamentais também contribuiram muito para a internacionalização deste mesmo problema. As jornadas de Timor da UP, através de diplomatas, políticos, académicos e outros tem levado o problema atravessar as nossas fronteiras. A Missão Paz em Timor ajudou a internacionalizar o problema através dos vários elementos que integraram esta missão, oriundos de várias nações. A Missão Rezar por Timor, pela primeira vez SS o Papa João Paulo II, na praça de S. Pedro e peranta milhares de peregrinos, fala a um pequeno grupo de timorenses dos direitos do deu povo, convidando os responsáveis a envidarem esforços no sentido de através do diálogo encontrarem uma solução que respeite o direito, a preservação da cultura e religião deste mesmo povo. A plataforma de juristas que junto dos tribunais internacionais tem defendido este questão, ETc. etc.....

Julgo que hoje não andamos só. Até o próprio tempo está a nosso favor, e ainda comunico.

Com o fim do império Russo e o nascimento das novas nações tanto no Leste Europeu como da África e talvez em futuro próximo no Médio Oriente, a Nação Palestina, o fim da guerra fria, o perigo da expansão comunista, tudo isto são factores muito positivos que podem contribuir para encontrar uma solução para este mesmo problema. O importante é saber explorá-los em devido tempo a nosso favor.

É necessário ganharmos simpatias no mundo islâmico. É preciso usar a arma religiosa que condena todos os actos de violação contra países que dizem ser religiosos em que a própria Indonésia não foge à regra.

E necessário estarmos na Amèrica Latina. Países que estão em constante revolução e que sabem muito bem o estado de revolução em qualquer sítio. É necessário entregarmos ao Brasil um papel importante quanto a este n nosso problema.

Há muitos interesses que ainda faltam explorar a nosso favor usando-as como armas para derrotar o nosso inimigo.

É muito importante conseguirmos de uma vez por todas os Estados Unidos da América para o nosso lado. E, para isso é preciso pensar maduramente numa estratégia que serve mais os interesses americanos do que nossos.

É preciso estarmos na Indonésia. Lançar a nossa revolução no seio da população indonésia e fomentar a ideia de separação com vista a obter independência para os povos massacrados da Sumatra, Borneu, Celebes, Molucas e Papua Ocidental. Através de um programa radiofónico clandestino podemos fazer chegar a nossa voz de revolução a todos estes povos. Com simulações políticas podemos encontrar formas para fazer mudar muitas posições dos próprios governantes indonésios. Tudo isto depende da nossa vontade e capacidade criativa.

Porém, não esquecer nunca que para que tudo isto se possa r realizar sem atritos, é necessário criar primeiro um ambiente de confiança m mútuo através de diálogo permanente entre timorenses quanto aos projectos a tomar em relação a este mesmo problema.

É necessário aqui no exterior viver o espírito de despartirização da luta e dar mais oportunidade a outras forças ou elementos de participarem e assim se sentirem que realmente há uma luta de libertação nacional e não libertação partidária,

Há a necessidade de criar a consciência de não a personalização política-partidária porque os partidos pertencem aos militantes e que as chefias não personificam o corpo do partido. São eleitos através do voto para exercerem o seu mandato e não para serem senhores absolutos fabricando os seus eternos mandatos.

Não esquecemos que o próprio ministro indonésio Ali Alatas já declarou pùblicamente que Timor é uma pedra dentro do sapato indonésio e incomoda. É necessário arranjar uma solução....

Em suma e a meu entender, baseado nos últimos acontecimentos, posso afirmar que muita coisa está a nosso favor. É preciso trabalhar mais e usá-las com cabeça e não apenas com o coração.

Que primeiro de tudo o entendimento entre os filhos timorenses seja a arma mais forte para vencer todos os obstáculos e o próprio inimigo, libertando assim a nossa terra, a nossa libertação e a libertação de todos os nossos irmãos.

Nós temos a razão e eles tem a força. Oxalá que um dia a força pode curvar-se perante a razão.

Lisboa, 21 de Julho de 1.993.-

MANUEL JACOB GUERRA CALDAS